

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!

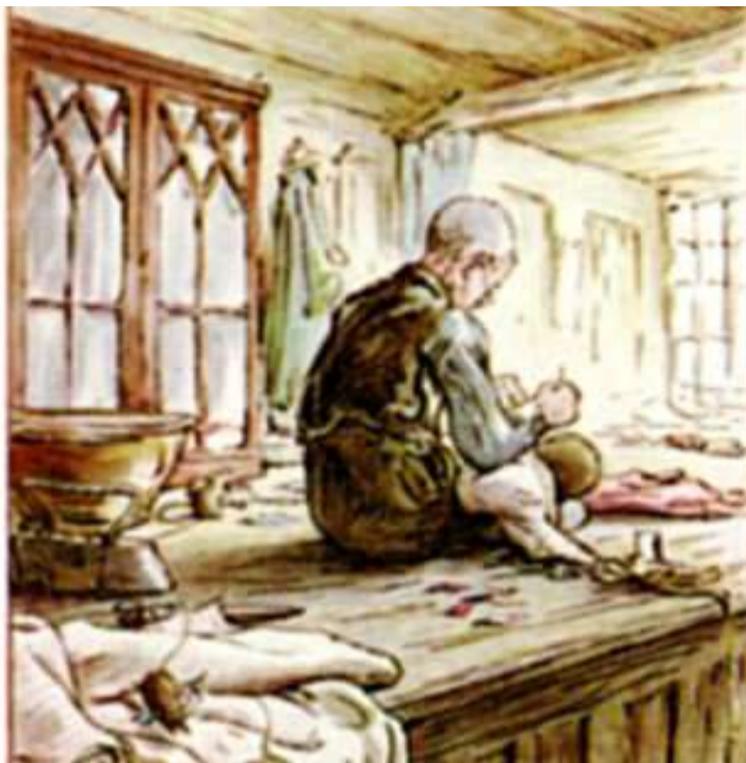


Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Beatrix Potter

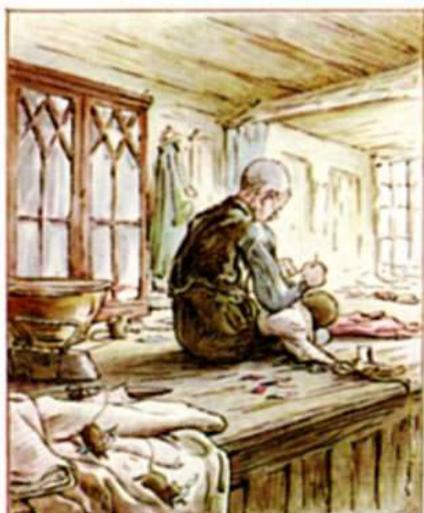
O alfaiate de Gloucester



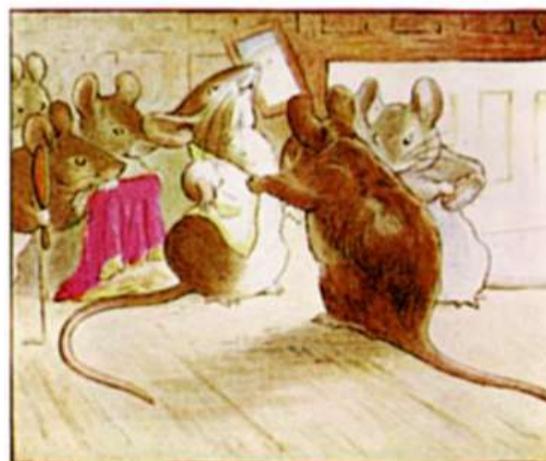
Na época das espadas, perucas e casacos de aba larga com lapelas floridas - quando os cavalheiros usavam babados e coletes de paduasoy e tafetá bordados a ouro - vivia um alfaiate em Gloucester.

Ele se sentava na vitrine de uma pequena loja na Westgate Street, de pernas cruzadas sobre uma mesa, desde a manhã até o anoitecer.

Durante todo o dia, enquanto durava a luz, ele costurava e cortava, remendando seu cetim, pompadour e cordão de lute; as coisas tinham nomes estranhos e eram muito caras na época do alfaiate de Gloucester.



Mas, embora costurasse tecidos de luxo para seus vizinhos, ele próprio era muito, muito pobre - um velhinho de óculos, com o rosto franzido, velhos dedos tortos e um terno puído.



Ele cortava os casacos sem desperdício, de acordo com seu pano bordado; eram pontas e pedaços muito pequenos que estavam espalhados sobre a mesa - "Tão estreitos que não servem para nada - exceto coletes para ratos", disse o alfaiate.



Em um dia muito frio perto da época do Natal, o alfaiate começou a fazer um casaco - um casaco de seda cor de cereja bordado com amores-perfeitos e rosas, e um colete de cetim cor de creme



- enfeitado com gaze e chenille verde penteado - para o prefeito de Gloucester. O alfaiate trabalhava e trabalhava, e falava sozinho. Ele mediu a seda, virou-a várias vezes e aparou-a com sua tesoura; a mesa estava toda coberta de pedaços cor de cereja.

"Sem tecido para nada, e com corte na cruz; não é tecido suficiente; tippets para ratos e fitas para ralos! Para ratos!" disse o Alfaiate de Gloucester. Quando os flocos de neve caíram contra as pequenas vidraças de chumbo e bloquearam a luz, o alfaiate havia terminado seu trabalho do dia; toda a seda e cetim estavam recortados sobre a mesa.

Havia doze peças para o casaco e quatro peças para o colete; e havia abas de bolso e punhos e botões, tudo em ordem. Para o forro do casaco havia um fino tafetá amarelo; e para as casas dos botões do colete, havia torção cor de cereja. E tudo estava pronto para costurar pela manhã, tudo medido e com tecido o suficiente - exceto que faltava apenas um único novelo de seda trançada cor de cereja.

O alfaiate saía de sua loja ao anoitecer, pois não dormia ali à noite; ele fechou a janela e trancou a porta, e tirou a chave. Ninguém morava lá à noite, exceto ratinhos marrons, e eles entravam e saíam sem nenhuma chave!

Pois por trás dos lambris de madeira de todas as casas antigas de Gloucester, existem pequenas escadas de ratos e alçapões secretos; e os ratos correm de casa em casa por aquelas longas passagens estreitas; eles podem correr por toda a cidade sem ir para as ruas.



Mas o alfaiate saiu de sua loja e voltou para casa na neve. Ele morava bem perto de College Court, perto da entrada de College Green; e embora não fosse uma casa grande, o alfaiate era tão pobre que alugava apenas a cozinha.

Ele morava sozinho com seu gato; chamava-se Simpkin.



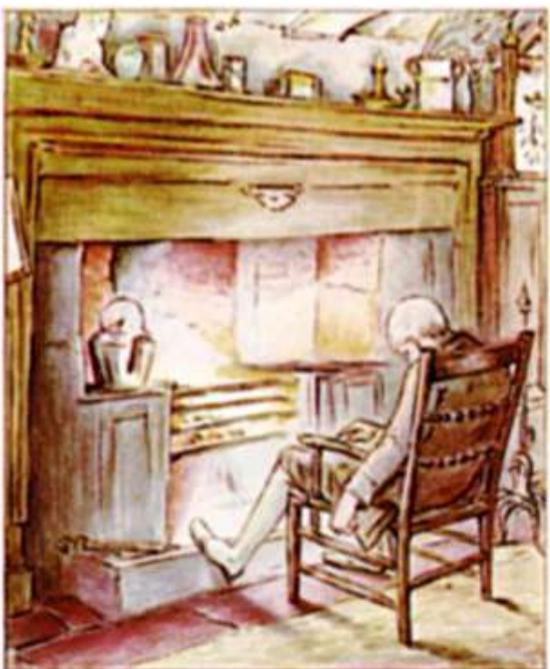
Agora, durante todo o dia, enquanto o alfaiate estava trabalhando, Simpkin cuidava da casa sozinho; e ele também gostava dos ratos, embora não lhes desse cetim para casacos!

"Miau?" disse o gato quando o alfaiate abriu a porta. "Miau?"

O alfaiate respondeu: "Simpkin, faremos nossa fortuna, mas estou esgotado. Pegue esta moeda (que são nossos últimos quatro pence) e Simpkin, pegue um pipkin de porcelana; compre um pence de pão, um pence de leite e um pence de salsichas. E oh, Simpkin, com o último centavo de nossos quatro pence, compre-me um pence de seda cor de cereja. Mas não perca o último centavo dos quatro pence, Simpkin, ou eu estarei perdido e gasto como um fio de papel, pois NÃO TENHO MAIS PENCES."

Então Simpkin disse novamente: "Miaw?" e pegou o grão e o pipkin e saiu para a escuridão.

O alfaiate estava muito cansado e começando a passar mal. Sentou-se perto da lareira e falou consigo mesmo sobre aquele casaco maravilhoso.



"Farei minha fortuna - para não ser tendencioso - o prefeito de Gloucester vai se casar no dia de Natal pela manhã, e ele encomendou um casaco e um colete bordado - para ser forrado com tafetá amarelo - e o tafetá é suficiente; não sobra mais em snippets do que servirá para fazer tippets para ratos—"

Então o alfaiate começou; pois de repente, interrompendo-o, da cômoda do outro lado da cozinha vieram vários pequenos ruídos—

Tip tap, tip tap, tip tap tip!

"Agora, o que pode ser isso?" disse o alfaiate de Gloucester, pulando da cadeira. A cômoda estava coberta de louças e pipkins, pratos de salgueiro e xícaras de chá e canecas.

O alfaiate atravessou a cozinha e ficou imóvel ao lado da cômoda, ouvindo e espiando através dos óculos. Novamente debaixo de uma xícara de chá, vieram aqueles barulhinhos engraçados—

Tip tap, tip tap, Tip tap tip!

"Isso é muito peculiar", disse o alfaiate de Gloucester; e levantou a xícara de chá que estava de cabeça para baixo.



De lá saiu uma ratinha viva e fez uma reverência ao alfaiate! Então ela pulou para fora da cômoda, e sob o lambril.

O alfaiate sentou-se novamente perto do fogo, aquecendo as pobres mãos frias e murmurando para si mesmo: "O colete é cortado em cetim cor de pêssego - ponto de pandeiro e botões de rosa em linda seda de fio dental. Será que fui sensato em confiar meus últimos quatro pence a Simpkin? Vinte casas de botão de torção cor de cereja!"



Mas de repente, da cômoda, vieram outros barulhinhos:

Tip tap, tip tap, tip tap tip!

"Isso é extraordinário!" disse o Alfaiate de Gloucester, e virou outra xícara de chá, que estava de cabeça para baixo. Saiu um ratinho cavalheiro e fez uma reverência ao alfaiate!



E então de toda a cômoda veio um coro de pequenas batidas, todas soando juntas e respondendo umas às outras, como besouros de relógio em uma velha veneziana carcomida por vermes...

Tip tap, tip tap, tip tap tip! E debaixo de xícaras de chá e de tigelas e bacias, saíram mais e mais ratinhos que pularam da cômoda e para debaixo do lambril.



O alfaiate sentou-se perto do fogo, lamentando: "Vinte e uma casas de botão de seda cor de cereja! Para terminar ao meio-dia de sábado: e esta é a noite de terça-feira. Foi certo soltar aqueles ratos, sem dúvida propriedade de Simpkin? Alack, estou perdido, pois não tenho mais reviravoltas!" Os ratinhos saíram novamente e ouviram o alfaiate; eles notaram o padrão daquele casaco maravilhoso. Eles sussurraram um para o outro sobre o forro de tafetá e sobre os pequenos ratos.

E então, de repente, todos eles correram juntos pela passagem atrás do lambril, guinchando e chamando uns aos outros, enquanto corriam de casa em casa; e nenhum rato havia restado na cozinha do alfaiate quando Simpkin voltou com o pipil de leite!



Simpkin abriu a porta e saltou para dentro, com um furioso "Grr-miaw!" como um gato que está irritado: porque ele odiava a neve, e havia neve em suas orelhas e neve em sua gola na parte de trás do pescoço. Ele colocou o pão e as salsichas sobre a cômoda e cheirou. "Simpkin", disse o alfaiate, "onde está o meu twist?"

Mas Simpkin colocou o pote de leite sobre a cômoda e olhou desconfiado para as xícaras de chá. Ele queria seu jantar de ratinhos gordos!

"Simpkin", disse o alfaiate, "onde está meu TWIST?"



Mas Simpkin escondeu um pequeno embrulho no bule de chá, cuspiu e rosnou para o alfaiate; e se Simpkin pudesse falar, ele teria perguntado: "Onde está meu RATO?" "Alack, estou perdido!" disse o Alfaiate de Gloucester, e foi tristemente para a cama. Durante toda aquela noite, Simpkin caçou e vasculhou a cozinha, espiando nos armários e embaixo do lambril, e no bule onde havia escondido aquele twist; mas ainda assim ele nunca encontrou um rato! Sempre que o alfaiate murmurava e falava durante o sono, Simpkin dizia "Miaw-ger-rwss-ch!" e fazia barulhos estranhos e horríveis, como os gatos fazem à noite. Pois o pobre velho alfaiate estava muito doente com febre, se revirando em sua cama de dossel; e ainda em seus sonhos ele murmurava: "Chega de twist! Chega de twist!" Todo aquele dia ele estava doente, e no dia seguinte, e no seguinte; e o que seria do casaco cor de cereja? Na alfaiataria da Westgate Street, a seda e o cetim bordados estavam recortados sobre a mesa — vinte e uma casas de botão — e quem viria costurá-las, quando a janela estava trancada e a porta também bem trancada?

Mas isso não atrapalhou os ratinhos marrons; eles entram e saem sem nenhuma chave por todas as casas antigas de Gloucester!



Do lado de fora, o pessoal do mercado caminhava pela neve para comprar seus gansos e perus e assar suas tortas de Natal; mas não haveria jantar de Natal para Simpkin e o pobre alfaiate de Gloucester.

O alfaiate ficou doente por três dias e três noites; e então era véspera de Natal, e muito tarde da noite. A lua subiu sobre os telhados e chaminés e olhou para baixo sobre o portão de College Court. Não havia luz nas janelas, nem barulho nas casas; toda a cidade de Gloucester dormia profundamente sob a neve.



E Simpkin ainda queria seus camundongos e miava ao lado da cama de dossel.

Mas é na velha história que todos os animais podem falar, na noite entre a véspera de Natal e o dia de Natal pela manhã (embora haja muito poucas pessoas que possam ouvi-los ou saber o que eles dizem).

Quando o relógio da catedral bateu meia-noite, houve uma resposta - como um eco dos carrilhões - e Simpkin ouviu, saiu pela porta do alfaiate e vagou pela neve.

De todos os telhados, empenas e velhas casas de madeira de Gloucester vinham mil vozes alegres cantando as velhas cantigas de Natal - todas as velhas canções de que já ouvi falar, e algumas que não conheço, como os sinos de Whittington.



Primeiro e mais alto, os galos gritaram: "Senhora, levante-se e asse suas tortas!"

"Oh, dilly, dilly, dilly!" suspirou Simpkin. E agora em um sótão havia luzes e sons de dança, e gatos vinham do outro lado do caminho. "Ei, idiota, idiota, o gato e o violino! Todos os gatos em Gloucester - exceto eu", disse Simpkin. Sob o beiral de madeira, os estorninhos e os pardais cantavam sobre as tortas de Natal; as gralhas acordaram na torre da Catedral; e, embora fosse meia-noite, os galos e os tordos cantavam; o ar estava cheio de pequenas melodias de pássaros.

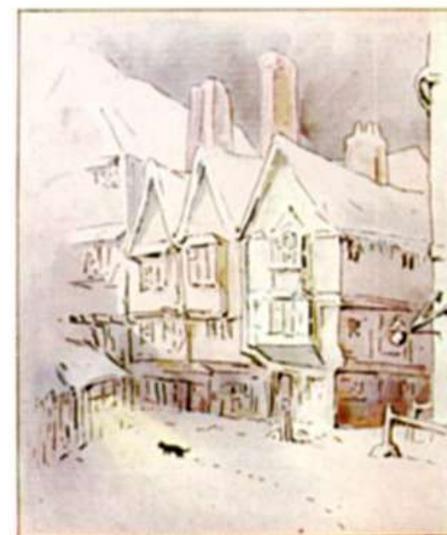


Mas tudo isso era bastante irritante para o pobre e faminto Simpkin!

Particularmente, ele estava irritado com algumas pequenas vozes estridentes por trás de uma treliça de madeira. Achou que eram morcegos, porque sempre têm vozes bem baixinhas - principalmente na geada negra, quando falam durante o sono, como o Alfaiate de Gloucester.

Eles disseram algo misterioso que soou como-

"Buz, disse a mosca azul, hum, disse a abelha, Buz e hum eles choram, e nós também!" e Simpkin saiu sacudindo as orelhas como se tivesse uma abelha em seu chapéu.



Da alfaiataria em Westgate veio um brilho de luz; e quando Simpkin se aproximou para espiar pela janela, ela estava cheia de velas. Houve um corte de tesoura e um corte de linha; e pequenas vozes de camundongos cantavam alto e alegremente—

"Vinte e quatro alfaiates
Foram pegar um caracol,
Os melhores homens entre eles
Durst não toque em sua
cauda,
Ela colocou seus chifres
Como uma pequena vaca
kyloe,
Corram, alfaiates, corram!
ou ela pegará todos vocês
agora mesmo!"



Então, sem pausa, as vozes
dos ratinhos continuaram:

"Peneire a aveia da minha senhora,
Moa a farinha de minha senhora,
Coloque em uma castanha,
Deixe repousar por uma hora—"

"Miau! Miau!" interrompeu
Simpkin, e ele arranhou a
porta. Mas a chave estava
debaixo do travesseiro do
alfaiate, ele não conseguiu
entrar. Os ratinhos apenas
riram e tentaram outra
música—



"Três ratinhos sentaram-se para fiar,
A gatinha passou e ela espiou.
O que vocês estão pensando, meus belos
homenzinhos?
Fazendo casacos para cavalheiros.
Devo entrar e cortar seus fios?
Oh, não, senhorita Gatinha, você morderia nossas
cabeças!"

"Miau! Miau!" exclamou Simpkin. "Ei, dinketty?"
responderam os ratinhos—

"Ei, pequenino, bichinho de estimação!
Os mercadores de Londres usam roupão;
Seda na gola e ouro na bainha,
Marcham tão alegremente os da lojinha!"

Eles clicaram em seus dedais para marcar o tempo, mas nenhuma das canções agradou a Simpkin; ele fungou e miou na porta da loja.

"E então eu comprei
Um pipin e um popkin,
Um Slipkin e um Slopkin,
Tudo por um centavo—

e sobre a cômoda da
cozinha!" acrescentaram os
ratinhos rudes.



"Miau! Raspa! Raspa!"

Simpkin deitado no parapeito da janela; enquanto os
ratinhos lá dentro pularam de pé e todos começaram a
gritar ao mesmo tempo em pequenas vozes gorjeantes:
"Chega de tecer! Chega de tecer!" E eles fecharam as
venezianas das janelas e isolaram Simpkin.

Mas ainda através das fendas nas persianas ele podia
ouvir o clique de dedais e pequenas vozes de
camundongos cantando...

"Chega de tecer! Chega de tecer!"

Simpkin saiu da loja e foi para casa, refletindo em sua
mente. Encontrou o pobre velho alfaiate sem febre,
dormindo tranquilamente.

Então Simpkin ficou na ponta dos pés e tirou um pequeno
embrulho de seda do bule e olhou para ele ao luar; e
sentiu-se bastante envergonhado de sua maldade em
comparação com aqueles bons ratinhos! Quando o alfaiate
acordou pela manhã, a primeira coisa que viu sobre a
colcha de retalhos foi um novelo de seda torcida cor de
cereja, e ao lado de sua cama estava o arrependido
Simpkin!



"Alack, estou exausto", disse o alfaiate de Gloucester, "mas tenho meu twist!" O sol brilhava na neve quando o alfaiate se levantou e se vestiu e saiu para a rua com Simpkin correndo à sua frente.

Os estorninhos assobiavam nas chaminés e os tordos e outros pássaros cantavam – mas cantavam seus próprios barulhinhos, não as palavras que haviam cantado durante a noite. "Alack", disse o alfaiate, "eu tenho meu twist; mas não tenho mais energia – nem tempo – do que me servirá para fazer uma única casa de botão; pois este é o dia de Natal pela manhã! O prefeito de Gloucester deve se casar ao meio-dia – e onde está seu casaco cor de cereja?"



Ele destrancou a porta da pequena loja na Westgate Street e Simpkin entrou correndo, como um gato que espera alguma coisa.

Mas não havia ninguém lá! Nem mesmo um ratinho marrom!

As tábuas foram varridas; as pequenas pontas de linha e os pequenos pedaços de seda foram todos arrumados e retirados do chão.



Mas sobre a mesa – Oh que alegria! O alfaiate deu um grito – lá, onde ele havia deixado cortes simples de seda – lá estava o mais belo casaco e colete de cetim bordado que já foi usado por um prefeito de Gloucester.



Havia rosas e amores-perfeitos nas orlas do casaco; e o colete foi trabalhado com papoulas e flores de centáurea.

Tudo estava pronto, exceto uma única casa de botão cor de cereja, e onde faltava essa casa de botão havia um pedaço de papel pregado com estas palavras – em letras miúdas: ACABOU O TWIST

E a partir de então começou a sorte do Alfaiate de Gloucester; ele ficou bastante robusto e muito rico.



Ele fazia os mais maravilhosos coletes para todos os ricos mercadores de Gloucester e para todos os nobres cavalheiros da região.

Nunca foram vistos tantos babados, ou punhos e lapelas tão bordados! Mas suas casas de botão foram o maior triunfo de tudo.

Os pontos daquelas casas de botão eram tão perfeitos - tão perfeitos - que me pergunto como puderam ser costurados por um velho de óculos, com dedos velhos tortos e dedal de alfaiate.

Os pontos daquelas casas de botão eram tão pequenos - tão pequenos - que pareciam feitos por ratinhos!